

Introdução

Na literatura amapaense, é recorrente a presença de narrativas que exploram o absurdo, o sobrenatural e o maravilhoso, dentre outros elementos que compõem as diversas variedades da literatura fantástica. A própria cultura do povo amapaense é marcada pelo insólito, através de suas lendas, crendices e tradições, passadas de geração em geração, sendo uma das inspirações dos textos literários locais.

Consequentemente, a produção ficcional no referido estado, voltada para a literatura fantástica, vem se intensificando nos últimos anos, principalmente entre a geração mais jovem de escritores, embora ainda sejam escassos os estudos a respeito dessas obras. Em vista disso, este trabalho tem como objeto de estudo as manifestações da literatura fantástica amapaense, objetivando discutir o cenário atual dessa modalidade literária no estado e sua circulação. Com esse propósito, selecionou-se para este estudo duas obras recentes, *Cabanagem* (2020) e *Semente de Sangue* (2021), de Gian Danton e Gabriel Yared, respectivamente, que caracterizam-se pela mescla do histórico com o insólito ficcional.

Discute-se ainda acerca da produção de narrativas literárias no Amapá, os meios de veiculação de obras da literatura fantástica amapaense, bem como algumas estratégias adotadas pelos escritores mencionados para financiar, divulgar e disponibilizar suas produções, visando maior alcance de público leitor, dentro e fora do território amapaense.

O cenário da literatura fantástica no Amapá

Ao sistematizar seus estudos sobre a literatura fantástica, Todorov (2017, ps. 30-31) defende que o fantástico “[...] é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. Para que o fantástico ocorra, não basta que o texto literário apresente um elemento, uma situação ou fenômeno considerado estranho, sobrenatural – pelas leis do nosso mundo –, é preciso que haja uma hesitação ao se deparar com o estranho. No fantástico, o sobrenatural é essencial e não existe sem ele, não

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGET, Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Orientador: Prof. Dr. Yurgel Caldas. E-mail: elaneviana07@gmail.com

apresentando, portanto, o propósito de ser solucionado, deve ser sentido sem que se chegue a uma explicação.

É ainda crucial, para a concretização do efeito fantástico, a participação do leitor. A hesitação proposta pelo fantástico deve ser sentida pelo leitor, ao reconhecer o espaço da narrativa como real e não se decidir por nenhuma explicação para o fenômeno sobrenatural. Sobre o papel do leitor, Roas (2014, p. 31) reforça que, “para que a história seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transformará sua estabilidade”.

Dessa forma, entende-se que a concretização do fantástico se estabelece na interação do leitor com o texto, sendo o leitor responsável pelo reconhecimento do lugar representado no texto como sendo semelhante ao seu próprio mundo – o real – assim como pela identificação de um elemento capaz de transgredir o entendimento desse mesmo leitor acerca do que ele aceita como sendo sua realidade.

No que concerne à presença do fantástico na literatura amapaense, de modo geral, é notável uma oscilação entre modalidades do insólito nas obras que compõem o cenário literário do Amapá, como no caso das narrativas de Danton e Yared, que cruzam o fantástico com outras categorias como o realismo maravilhoso, por exemplo.

Constantemente encontram-se na literatura referências a costumes e lendas tradicionais do Amapá e da Amazônia, por extensão. As diversas interpretações dos mitos amazônicos abrem espaço para as manifestações do insólito na literatura amapaense, que podem ser percebidas tanto ao se estabelecer a relação entre o homem e a natureza, quanto na analogia entre o real e o imaginário nos textos literários. Sobre esse aspecto, Marino (2022) argumenta que esses elementos fantásticos presentes no texto literário, advindos do imaginário popular amazônico, estabelecem uma representação identitária amapaense em sua literatura:

As encantarias entram como um dos elementos formativos da identidade cultural amapaense em um sentido amplo, visto que é acolhedora das várias vertentes das identidades culturais amazônicas, inclusive no seu viés do imaginário, formando a identidade cultural amapaense no seu multiculturalismo. (Marino, 2022, p. 343)

A literatura é, portanto, um dos meios pelos quais esse imaginário popular é transmitido para a posteridade, mesclando a tradição com a modernização. Tal imaginário fornece uma rica inspiração para a construção de narrativas da literatura fantástica. Como exemplos de autores da literatura do Amapá que exploram esse imaginário popular em suas obras, destacam-se Gabriel Yared e Gian Danton, sobre os quais discorre-se mais adiante.

A prosa ficcional amapaense

Como já mencionado, é bastante comum encontrar traços da cultura local incorporados aos acontecimentos, ambientes e personagens das narrativas literárias amapaenses. Sobre esse aspecto, Marino (2022, ps. 110-111) comenta:

O próprio estado do Amapá é um elemento de identidade cultural que os escritores amapaenses retratam, mostrando as suas peculiaridades em uma relação entre literatura, história, acontecimento, lugares, natureza em que sentimentos, memórias e comportamentos são retomados, reinventados e acrescidos de novos elementos culturais.

Ao carregar uma forte representatividade da realidade local em vários aspectos, considerando a cultura, a história, o cotidiano e o imaginário popular, que fazem parte da vida do amapaense, a literatura interliga o tradicional e o moderno, a realidade e o fantástico. Essa representação da realidade amapaense na literatura é crucial para o processo de formação da identidade cultural desse povo. Sobre isso, Marino (2022, p. 38) reflete que

A identidade cultural é vista como a identificação do povo amapaense nos elementos culturais, os quais apresentam essa identificação com o povo tucuju, que, às vezes, confluem em manifestações culturais como o marabaixo. Essa identificação não é fixa, unívoca, estática, mas é fluida podendo ter modificações, ressignificações, mudanças, mais ou menos significativas ao longo do tempo e podem também perder completamente o sentido inicial revertendo-o em outro.

E essa identidade cultural se reflete no texto literário, acrescenta ainda o mencionado autor, através de uma representação ficcional que, embora traga elementos do real, não está presa a ele e assim “pode-se permitir de apresentar, exhibir, divulgar, até criar, por meio dos textos literários, o Amapá nos seus elementos identitários, culturais, geográficos, históricos do estado” (Marino, 2022, p. 38). Dessa forma, a literatura, que é capaz de ir além das fronteiras geográficas, leva consigo as marcas de nossa identidade cultural para outras terras.

A circulação literária no Amapá: os casos de Danton e Yared

Tanto Gabriel Yared quanto Gian Danton recorreram a características da região amazônica em suas narrativas, valendo-se tanto da retratação da paisagem amazônica nos textos, como da representação típica do habitante local, principalmente do amapaense. Destacam-se nas prosas de ambos os autores referências históricas do estado do Amapá, sua geografia, referências à cultura e cotidiano amapaense, entrelaçados com o aspecto fantástico.

Gabriel Yared é natural de Macapá, Amapá, e tem contos e romances publicados, tanto no meio impresso como digital. Vale o destaque aqui para as versões digitais, disponíveis na *Amazon* através da plataforma *Kindle*. Dessa forma, por custos relativamente inferiores ao impresso, é possível ter acesso aos seus textos por meio do *e-reader*, celular ou computador. Em *Semente de Sangue* recupera a clássica figura do fantasma em uma narrativa ambientada em localidades amapaenses.

Gian Danton, pseudônimo do professor, roteirista de quadrinhos e escritor Ivan Carlo Andrade de Oliveira, é natural de Minas Gerais, mas adotou o Amapá - e foi adotado pelo estado - como lar e inspiração para sua prosa ficcional. Explora múltiplas facetas do insólito, combinando fantasia, maravilhoso, horror e até mesmo elementos de ficção científica em suas narrativas. O autor também recorre aos meios virtuais onde, além da versão *e-book* de suas obras, Danton também faz uso do *Catarse*, plataforma de financiamento coletivo *online* para custear suas publicações. É possível ainda ter acesso às suas obras gratuitas através de seu *blog* pessoal.

Considerando a problemática circulação literária no Amapá, recursos virtuais, como os utilizados por Danton e Yared, podem ser uma forte aliada da literatura. No geral, o acesso às produções por parte da população amapaense é ainda relativamente limitado. Geralmente as vendas são feitas pelo próprio escritor.. Uma ferramenta que vem sendo explorada, ainda que timidamente, por escritores amapaenses, é a disponibilização das versões digitais de seus livros, sobretudo na plataforma *Kindle*, onde é possível adquirir atualmente obras de autores da literatura amapaense como Mauro Guilherme, Fernando Canto, Gian Danton, Gabriel Yared, João Barbosa, dentre outros.

A respeito dessa precariedade na difusão literária do Amapá, Marino (2022) ressalta que a dificuldade surge ainda no processo de produção da obra literária. A falta de incentivo, seja político, por parte de governantes que poderiam contribuir com projetos de financiamento e/ou divulgação da literatura, seja por falta de público leitor e consumidor, resultando em tiragens limitadas de obras, escritores desestimulados e leitores em potencial que não chegam a ter acesso a esses livros. Somado a isso, Marino (2022) evidencia ainda a escassez editorial no estado.

Toda essa problemática da circulação literária se reflete na literatura fantástica amapaense. Todavia, mesmo com as dificuldades, é possível notar a perseverança em se continuar produzindo e consequentemente, influenciando novos escritores. O fantástico e as modalidades afins parecem despertar um crescente interesse entre escritores amapaenses, que exploram mundos fictícios e futuros desconhecidos em suas obras. No entanto, mesmo entre a

nova geração é perceptível frequentes alusões às suas origens em diversas produções, seja recorrendo ao imaginário popular e suas lendas, seja representando a cultura local. Esses temas são explorados com mais afinco entre as narrativas fantásticas, sobre as quais se discute a seguir.

O fantástico de Gian Danton

O autor Gian Danton, em sua obra *Cabanagem* (2020) apresenta o fantástico mais tradicional, tal como sugerido por Todorov, aliado a traços de outras modalidades literárias, e a elementos da cultura amazônica e amapaense. A respeito dessa obra de Danton, Marino (2022, p. 431) expõe que “há o acontecimento histórico, a revolta da cabanagem, junto com o imaginário amazônico, as lendas com as suas personagens, todos elementos que fazem parte da cultura amapaense, sendo que o lugar da fuga dos cabanos é pelo Amapá, chegando em Mazagão”.

O evento histórico da Cabanagem, ao qual o livro de Gian Danton faz referência, foi uma revolta ocorrida em meados do século XIX, em regiões do Pará e do Amapá. Na obra literária, são recuperados momentos dessa revolta, focando na fuga dos cabanos para o Amapá, em busca de refúgio na localidade de Mazagão.

A obra é protagonizada por Chico Patuá e seu grupo de cabanos, com destaque para os personagens Estrondo e Mura, e antagonizado por Dom Rodrigo e seus soldados. Saindo do Pará em direção ao Amapá, mais precisamente com destino à vila de Mazagão, o grupo de Chico Patuá percorre os rios amazônicos, libertando escravos das fazendas, aumentando o número de aliados, bem como o de inimigos. São perseguidos, também através dos rios, por Dom Rodrigo, contratado para deter e matar Chico Patuá e seus amigos, conhecidos como cabanos. Para isso, conta com o auxílio de um grupo de soldados que, apesar de segui-lo, não compactuam com suas atitudes e métodos e o temem.

Dentre os elementos reais retratados em *Cabanagem*, tem-se, além da referência histórica, a caracterização do espaço e de seus personagens: os rios, as matas, as casas de ribeirinhos; a própria descrição da família ribeirinha, comidas e bebidas e costumes. Já o fantástico é inserido na obra justamente através de lendas amazônicas e crenças dos personagens, recursos bastante comuns na prosa ficcional amapaense, atribuindo à narrativa um cenário insólito.

Quanto às lendas referenciadas na obra de Danton, tem-se o Curupira, protetor das florestas; a Iara, a Mãe D'água; o Jurupari, que invade os sonhos; Norato e Caninana, gêmeos

encantados que nasceram sob a forma de cobras e se tornaram enormes; o Mapinguari, figura monstruosa que devora pessoas. Além destas, outras figuras lendárias são mencionadas, como o Boto e a Matinta; no entanto, suas existências são apenas especuladas e essas figuras não aparecem de fato, na narrativa.

Merecem destaque dois momentos cruciais relacionados às lendas. O primeiro narra a experiência vivida por Chico Patuá e Estrondo na floresta. Eles se separam do grupo e adentram a mata até chegarem a uma clareira com uma nascente. Ali

De repente, uma imagem surgiu, turva, nebulosa, imprecisa. Era uma mulher, acima do pequeno lago. Estrondo tentava firmar a vista para percebê-la, mas a cada vez que piscava parecia que a imagem se alterava. Era uma jovem moça, muito bonita e morena. Era uma mulher grávida, era uma velha matriarca. Da cintura para baixo parecia ter uma cauda de peixe que se alongava como uma névoa, misturando-se à água. Ela falou e sua voz também mudava a cada minuto e não parecia vir de lugar nenhum. Era como o vento, uivando por entre as árvores ou o murmurar de um riacho. (Danton, 2020, p. 42)

Embora não seja mencionado seu nome, a figura no lago era da Mãe D'Água - Iara, o que se confirma mais adiante: “Agora o calor parecia infernal. As presenças se acercavam dele. O que dissera a *mãe d'água*? Um mal ancestral anuncia a tormenta.” (Danton, 2020, p. 71, grifo nosso). Ela conversa com os dois e os alerta de um perigo iminente e, em seguida, desaparece. Esse evento gera hesitação em Estrondo. Sabe que realmente aconteceu e não se tratava de um sonho, mas como fora possível ele não conseguia entender. Chico Patuá compartilha dessa dúvida: “ - Chico, o que foi isso? - Perguntou Estrondo. - Não me pergunte porque, nem mesmo eu sei, mas você precisava estar aqui. [...]” (Danton, 2020, p. 42). Aqui somos levados a viver a experiência do fantástico. A vacilação é gerada por não haver uma explicação e ocorre a identificação do leitor com o personagem, por compartilhar dessa hesitação com Estrondo e Chico.

Outro momento relacionado a lenda em que se presencia o fantástico ocorre com Dom Rodrigo, já na parte final, enquanto perseguia Mura na floresta aos arredores de Mazagão. Ao atirar no indígena, Dom Rodrigo vangloria-se, certo de que o havia matado, mas ao se aproximar do corpo, percebe que atirou em um de seus soldados:

Mas estancou de repente, surpreso:
- Que bruxaria é essa?
O homem caído e morto não era o índio. Era um dos soldados.
- Eu atirei no índio! Tenho certeza! Que bruxaria é essa? (Danton, 2020, p. 106)

Nesse ponto, somos levados a compartilhar da surpresa de Dom Rodrigo, que perdura ainda no momento seguinte, quando o possível motivo da confusão vivida pelo personagem

surge: “Então, um farfalhar indistinto de folhas, como se o vento soprasse do nada, sem nenhuma razão. Dom Rodrigo pensou ouvir uma risada, e, pelo canto do olho, viu uma figura fugidia, um ser estranho, indefinível, coberto de folhas, com cabelos de fogo [...]” (Danton, 2020, p. 106).

Novamente, o nome da criatura não é mencionado, embora seja possível deduzir que se tratava do Curupira, pela descrição. Se ele realmente interferiu na mira de Dom Rodrigo, não podemos ter certeza, nem o personagem, que segue adiante em sua perseguição. E mesmo que a situação se explicasse pela presença do Curupira, seguimos na hesitação pelo questionamento da real existência de tal figura lendária.

Em relação aos dois personagens que se antagonizam na narrativa, Chico Patuá e Dom Rodrigo, vale destacar ainda que os próprios personagens carregam uma existência insólita. Sendo, supostamente, o filho do Boto, Chico Patuá tem um forte vínculo com os seres da floresta; é enigmático e sua própria presença é motivo de hesitação e assombro para aqueles que o cercam. Chico Patuá parece sempre se livrar dos perigos, protegido por um saco de couro que lhe serve de amuleto - denominado patuá -, presente de sua bisavó. Por essa razão, as pessoas declaram que esse personagem tem o corpo fechado.

Já Dom Rodrigo surpreende tanto pela sua relação com os seres fantásticos quanto por seu físico e suas atitudes. Como Chico, esse personagem parece ter algum tipo de proteção de seres da floresta; no entanto, as criaturas relacionadas a Dom Rodrigo são representantes de mau agouro, como a Matinta e a coruja – figura que se supõe ser a própria Matinta transformada e que acompanha várias ações do personagem. Dom Rodrigo é não apenas muito alto, mas um gigante, grande demais para ser considerado normal, além de ser extremamente violento, provocando medo nos demais personagens. O fantástico segue presente em toda a narrativa, chamando o leitor a compartilhar das sensações vividas pelos personagens, a identificar-se com eles e, até mesmo, se reconhecer em algumas situações representadas.

O fantástico de Gabriel Yared

Publicada em 2021, a obra *Semente de Sangue* explora o sobrenatural, mesclando ficção com traços da História do Amapá. O escritor se apropria de elementos culturais do interior amapaense para introduzir o fantástico em sua prosa. O romance é protagonizado por Carlos e sua família, que carregam um passado enigmático que é trazido à tona após a morte do patriarca da família, Antônio Guimarães. Esse infortúnio obriga Carlos e sua irmã Adriana a

voltarem para sua terra natal, Mazagão Velho, localidade do interior do Amapá, de onde saíram há cerca de três décadas e para onde nunca haviam retornado até esse momento. A esposa de Carlos, Cecília, seus filhos e sobrinhos também o acompanharam na viagem.

Assim como ocorre em *Cabanagem*, aqui também retrata-se questões históricas a respeito do estado do Amapá, principalmente, da formação de Mazagão, bem como questões culturais como a Festividade de São Tiago, tradicional na cidade, o Marabaixo, manifestação cultural amapaense, com origens africanas, comidas típicas, variações linguísticas, religiosidade, dentre outros aspectos. Junto a isso, são inseridas no decorrer da narrativa cenas insólitas envolvendo fantasmas, entidades ou mesmo situações de difícil explicação, ora de maneira sutil, ora de maneira mais explícita, levando à experiência do fantástico.

Logo no prólogo já há uma forte presença do fantástico através de Chico do Mato, representado como um espírito que vaga pela vila de Mazagão, absorto em suas próprias memórias e perdido no tempo, até ser surpreendido por uma entidade, saída de um poço misterioso, localizado nas redondezas da fazenda dos Guimarães, que o leva a presenciar a morte de Antônio:

A entidade se dirigiu diretamente para o quarto principal, logo depois da sala. Arreado numa cama confortável, um homem velho — que em muito lembrava a Chico seu antigo senhor — exibia sua triste existência aproximando-se do fim. Ela viera apenas acelerar o processo. Sua última aposta. Havia, por tanto tempo, feito durar uma promessa a si mesma, disposta a cumpri-la tantos séculos quanto fosse possível para que o sangue dos Guimarães permanecesse naquelas terras malditas. (Yared, 2021, p. 7)

Ao passarem por uma senhora que bordava na varanda da casa dos Guimarães, ela sentiu um incômodo, apesar de não ser possível ver as aparições. Confusa, a senhora faz um sinal da cruz, para afastar de si a presença sinistra. Ao adentrarem o quarto em que estava Antônio Guimarães, a entidade materializou-se e ele pode vê-la, embora nada pudesse fazer, considerando seu estado muito debilitado.

O próprio poço do qual a entidade surgiu remete ao fantástico na narrativa. Por alguma razão inexplicável, o espírito de Chico se sente atraído por ele. Thiago, filho de Carlos, também vivencia uma experiência insólita com o poço. Ele nunca havia estado na terra natal do pai, nasceu e cresceu em São Paulo. Mesmo assim, tinha pesadelos recorrentes em que era alvo de agressões em uma rua deserta de São Paulo sendo, logo em seguida, atraído para o poço misterioso. Embora trate-se de sonhos, o fantástico manifesta-se aqui, considerando que Carlos sequer falava de seu passado, não sendo possível assim, que Thiago soubesse da existência desse poço.

Até mesmo a representação geográfica na obra revela-se fantástica: estradas margeadas por árvores que projetam sombras macabras na paisagem, o ar melancólico do luto, as construções antigas carregadas de memórias. Soma-se a isso o passado trágico envolvendo habitantes locais em assassinatos sem explicação.

Vale destacar ainda episódios fantásticos vivenciados por Thiago e sua prima Madeleine em Mazagão. Durante o enterro de Antônio, Madeleine se encanta com um rapaz que fazia parte do grupo de Marabaixo presente no cortejo fúnebre. Conversam brevemente e quando Adriana se aproxima da filha, ele desaparece, como se não fosse uma pessoa real. No momento em que sua mãe a toca no braço, Madeleine sente um choque e ao virar-se

[...] deu de cara com uma desconhecida. De cabelos tão louros que pareciam brancos a emoldurar o rosto como cortinas e olhos esverdeados como esmeraldas, ela se agarrava com força aos braços de Madeleine, chegando a machucá-la com as pontas dos dedos. O rosto seria belo, se naquele momento não demonstrasse tanta raiva e reprovação, os lábios crispados e as sobrancelhas unindo-se em uma seta em direção ao nariz arrebitado, arrebitado por uma cicatriz profunda que cortava o rosto na diagonal. (Yared, 2021, p. 39)

Não fica claro nesse momento da narrativa se se tratava de algum encantamento, visão ou presença fantasmagórica, mas logo a imagem se dissipa e ela enxerga a mãe. Ainda procura pelo rapaz com quem conversava antes, mas ele já não estava mais lá.

Em outro momento da narrativa, Thiago está na varanda na manhã seguinte ao enterro, fazendo um desenho da paisagem em frente à casa quando é surpreendido por Manoel, filho de Bartoloméa, empregada da casa. Manoel elogia o desenho, mas Thiago fica constrangido, pois não gostava que vissem seus desenhos, e esconde a prancheta. Mais tarde, quando ambos conversavam à beira do rio, Manoel pede para ver novamente o desenho e então nota algo incomum: uma cabana, que não estava na paisagem original e que Thiago afirma não saber como foi parar no desenho, visto que ele mesmo não a fez. Surgiu de maneira inexplicável em algum momento enquanto tomavam café ou estavam distraídos no rio.

Muitas outras passagens ao longo da obra remetem ao fantástico, atribuindo um ar de mistério ao desenrolar da narrativa, intercalando com trechos de vida cotidiana, além de críticas sociais e políticas, levando a reflexões a respeito do descaso com localidades mais afastadas dos grandes centros urbanos, bullying e homofobia, por exemplo.

Considerações Finais

Os textos selecionados para análise neste trabalho são apenas um pequeno recorte das possibilidades que podem ser exploradas através da literatura fantástica no contexto

amapaense. Muitos textos e autores locais seguiram os caminhos dessa modalidade, com relatos absurdos, improváveis, percorrendo aspectos culturais do cotidiano amapaense, suas lendas, história, particularidades geográficas, ambientados nos mais diferentes cenários, intensificando a produção ficcional do estado.

É inegável a forte representatividade da realidade local na literatura amapaense, desde representações históricas, cotidiano, ao imaginário popular, que fazem parte da vida do amapaense, e são perceptíveis também nas obras analisadas. Aplicando o conceito do fantástico, a literatura encontra nesse território uma fonte inesgotável de temas a serem explorados.

Ao trazer as discussões aqui apresentadas, reforça-se a importância de se refletir sobre as produções da literatura amapaense, e da Amazônia no geral, a fins de difundi-las e de fazê-las alcançar um público maior, pois merecem ir além de nossas fronteiras. São textos ricos, com propostas desafiadoras para serem exploradas e reconhecidas.

REFERÊNCIAS

DANTON, Gian. **Cabanagem**. Porto Alegre: Avec, 2020.

MARINO, Francesco. **A literatura do Amapá**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-CAr), no Programa DINTER UNESP-FCL-CAr-UNIFAP. ARARAQUARA – SP: UNESP, 2022.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. São Paulo, Editora Unesp, 2014

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

YARED, Gabriel. **Semente de Sangue**. Feira de Santana-BA: Editora Corvus, 2021. Edição do Kindle.